

APRESENTAÇÃO

Psicanálise e Educação

O dossiê Psicanálise e Educação reúne artigos que refletem sobre aproximações entre estes dois constructos na contemporaneidade. Psicanálise e Educação, campo que apresentou os primeiros trabalhos no Brasil no fim da década de 1980, para vir crescendo exponencialmente desde então, exibe um vigor e uma marca que torna única a produção brasileira.

O crescimento da produção vincula-se a tendências que podem ser resumidas com os termos utilizados por Voltolini (2001),¹ quando se trata de aproximar a Psicanálise da Educação, mediante dois tipos de abordagem: a da *aplicação* e a da *implicação*.

O dossiê aqui apresentado inclina-se, sobretudo, na direção de conceber que a Psicanálise e a Educação guardam entre si uma relação de *implicação*. Quando se fala de implicação, a Psicanálise deixa de iluminar, e de pensar *sobre* a Educação; deixa também de se colocar em posição de exterioridade. Quando se adota a perspectiva da implicação, entende-se que a conexão entre as duas disciplinas produz a introdução do psicanalítico, ou, se quiserem, do sujeito, no âmago do educativo. Desta perspectiva, trata-se de supor um sujeito no aluno, e de ampliar o ato educativo de modo a nele incluir o sujeito do desejo (KUPFER et al, 2010).²

Essa ampliação do ato educativo transforma o campo educativo e o recria, transformando-o em uma *Educação para o sujeito*.

Assim, deixa-se de lado a ambição de psica-

nalizar a Educação e passa-se a conceber o ato educativo como um ato de desejo. Propõe-se escutar os processos subjetivos que emergem no interior da sala de aula com vistas a exercitar a passagem, tanto do professor como do aluno, para as condições de professor-sujeito e aluno-sujeito, necessárias para entender a constituição de sujeitos movidos não pela completude, mas pela falta. Em meio a toda impossibilidade de se fundir Educação, Psicanálise e subjetividade, é certo que a tríade começou a “se olhar”. O dossiê aqui apresentado é um exemplo eloquente dessa triangulação implicada.

Os textos resultam de escritas sobre estudos advindos de pesquisas teóricas e empíricas. O dossiê reúne trabalhos que apontam para articulações importantes do enlace entre Educação, Psicanálise e subjetividade e, essencialmente, provoca questões de aprofundamento a respeito do próprio processo educativo, das relações transferenciais na sala de aula, do mal-estar da civilização, do sofrimento psíquico do professor, das dificuldades do ato de aprender. Os artigos representam, de certa forma, o vigor do campo de conhecimento, relações de parcerias e cooperações acadêmicas, apresentando reflexões significativas do que se produziu nesse campo, confirmando as tendências que aí costumam delinear-se.

A reunião dos artigos do dossiê revelou ainda outras linhas de força e se configurou como uma amostra de alguns dos principais temas em que o campo das articulações entre Psicanálise e Educação vem trabalhando nos últimos trinta anos. Os temas que o dossiê capturou foram, predominantemente, três: a) as reflexões críticas sobre a escola na pólis; b) os artigos sobre formação docente; c) os estudos sobre o aluno e seu aprender.

O primeiro grupo de artigos aborda as relações da escola no mundo contemporâneo,

1 VOLTOLINI, Rinaldo. As vicissitudes da transmissão da psicanálise a educadores. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 3., 2001, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC00000003200100030036&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 20 dez. 2020.

2 KUPFER, Maria Cristina Machado. *Et al.* A produção brasileira no campo das articulações entre psicanálise e educação a partir de 1980. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 284-305, dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 dez. 2020.

apresentando uma perspectiva crítica que permite ver de outro modo o lugar da escola, servindo-se para isso de ferramentas de reflexão extraídas do arsenal teórico psicanalítico.

O (im)possível de educar em tempos de crise: psicanálise e educação crítica, de Marta Regina Furlan de Oliveira e Cleide Vitor Mussini Batista analisa relações entre psicanálise e educação crítica, ancorando-se em possíveis referências para além do olhar psicologizante educacional que se firma em caminhos restritos da educação e da formação docente, mediados por reflexões éticas, da sensibilidade e de ações emancipatórias do saber escolar.

O artigo *Psicanálise, Infância e educação infantil contemporânea em giros planetários*, das autoras Larissa Ornellas e Maria de Lourdes Soares Ornellas, discorre sobre a relação com o corpo e o aprender infantil no contexto da crise planetária pandêmica, que coloca o sujeito a serviço do gozo ininterrupto dos objetos de consumo, não deixando lugar para a subjetividade emergir.

O texto *Reflexões sobre a “epidemia” de depressão em adolescentes e jovens e adultos à luz da relação entre a psicanálise e a política*, escrito por Viviane Neves Legnani e Sandra Francesca Conte de Almeida, nos convida a refletir sobre os impactos da medicalização impostos a adolescentes e jovens adultos. Discute criticamente o diagnóstico médico de Transtorno Depressivo, à luz da relação entre a psicanálise e a política, e discorre sobre a depressão no contemporâneo como um sintoma social.

Da escola, do escolar, da inclusão, de Carla Mercês Jatobá Ferreira e Ângela Resende Vercaro, é um artigo que discute elementos da escola pelo viés estrutural no que concerne à organização escolar, reflete sobre a noção/lugar do escolar atribuído às crianças na sua inserção na escola e contempla a inclusão escolar enfatizando aspectos políticos, como também mecanismos de resistências com vistas a cumprir as determinações legais no cotidiano das escolas.

Com relação à formação docente, o leitor encontrará no dossiê seis artigos sobre essa

vertente. O artigo *A presença da psicanálise na universidade: pesquisa e dispositivos para a formação docente*, de Margareth Diniz e Marcelo Ricardo Pereira, apresenta e analisa resultados da pesquisa “Dispositivos de formação docente que consideram a subjetividade” e mostra que a conduta clínica implicada e a escuta qualificada de docentes em situações de queixa e mal-estar se configuram como importantes dispositivos a serem transmitidos na formação. Reafirma a necessidade de tempo para a elaboração precisa das experiências cotidianas para que estas possam de fato atravessar e marcar o sujeito.

A (in)corporeidade do professor em tempos de pandemia e educação à distância, de Kelly Cristina Brandão da Silva e Kelly Cristina Garcia de Macêdo Alcantara, é um artigo que percorre alguns elementos tradicionais e ordinários do trabalho docente em sala de aula, no ensino presencial, para pensar os efeitos da educação remota, proposta em tempos de pandemia pelo coronavírus (SARS-CoV-2). Objetiva analisar, à luz da interlocução, os limites e impasses provocados pela educação à distância emergencial.

Andréa Hortélio Fernandes e Claudia Maria Tavares Saldanha, no texto *Psicanálise, literatura e educação: uma escrita para a despato-logização do sintoma disortográfico*, discutem o quanto é possível contribuir para a despato-logização do conceito de sintoma na teoria psicanalítica. Através de um recorte clínico, o artigo examina e defende algumas contribuições da teoria da clínica psicanalítica que podem auxiliar no manejo dos impasses com o saber durante a alfabetização que circunscreve, de efetuação da estrutura psíquica da criança.

O artigo *Trajetórias subjetivas na experiência de formação*, de Carla Nunes Vieira Tavares, apresenta resultados de uma pesquisa-intervenção de professores em formação inicial e em serviço, voltando para discussões sobre subjetividade, relação com o saber e prática educativa, com ênfase nas noções de experiência e transmissão, conforme concebidas no campo da Psicanálise e Educação.

Dois artigos de autores franceses vêm se somar à discussão sobre formação docente, de um modo que complementa os brasileiros, guardando, porém, sua posição diversa. Ilaria Pirone e Jean-Marie Weber escrevem sobre *Trabalhar com professores: um baluarte contra novas formas de fadiga subjetiva*. No texto, procuram demonstrar que uma nova forma de fadiga difusa entre os professores pode ser pensada como um sintoma social, e que o uso do dispositivo de análise clínica das práticas sociais pode permitir uma re-circulação da palavra entre os profissionais das profissões humanas. Já Jean Chami, em *A formação de professores à luz da psicanálise*, aborda a questão da subjetividade e da natureza dos “sujeitos” da prática profissional. Em seu trabalho de formação de professores, Chami observa neles a passagem das condutas irracionais e inconscientes para uma ação mais racional.

No artigo *Do mal-estar social ao mal-estar docente: contribuições da psicanálise*, de Yara Magalhães dos Santos, são apresentados os resultados de uma pesquisa com professores do ensino médio, cujo objetivo foi o de compreender possíveis razões do mal-estar entre professores, compreendendo-se o mal-estar de uma perspectiva psicanalítica.

Em seguida, o leitor poderá ler cinco artigos que discorrem sobre o aluno e seu lugar de aprendiz, pode-se dizer, no chão da escola. Têm em comum o fato de se debruçarem sobre o aprendiz, oferecendo chaves de leitura oriundas da Psicanálise e capazes de criar condições para o enfrentamento da angústia de estar, professores e alunos, às voltas com a impossibilidade de eliminar o mal-estar inerente ao ensinar e ao aprender.

Em *Resultados finais da pesquisa APEGI (Acompanhamento Psicanalítico de Crianças em Escolas, Grupos e Instituições)*, Maria Cristina Kupfer, Leda Mariza Fischer Bernardino e Diego Rodrigues Silva apresentam os resultados de uma pesquisa de validação de um instrumento que introduz um eixo de leitura pouco usual nas escolas: o da relação entre pares. No chão da

escola, as crianças fazem uso de identificações que as constroem como sujeitos e dão as bases para seu aprender.

Cláudia Bechara Fröhlich, Janniny Gautério Kierniew e Simone Zanon Moschen, em *Ver o invisível do letramento*, dão a ver o que a psicanálise permite ver: que o tempo de passagem, na criança, da condição de não letrado à de letrado não é o cronológico, mas aquele que Lacan chama de lógico. O uso desse operador poderá ser, então, precioso para o professor e lhe dar contornos para as angústias dessa passagem.

Ainda da perspectiva do aluno e seu aprender, Cristiana Carneiro e Raisia de Paula Fernandes da Silva, no artigo *Ana, adolescente nota dez? Reflexões sobre a patologização do aprender*, mostram como o olhar da Psicanálise pode subverter velhas categorias escolares e diagnósticas, ao discutirem a diferença entre a preponderância do organismo nas leituras sobre entraves no aprender e sua relação com a patologização, permitindo uma nova compreensão sobre o aprender e sua relação com a escola.

O ideal da excelência escolar e os conflitos vividos pelo aluno de classes populares, de Luciana Santos, é um artigo que procura compreender o ideal da excelência escolar e a relação entre esse ideal e a história singular do estudante. Considera alguns conceitos da Psicanálise, sobretudo eu ideal, ideal do eu e supereu, para analisar os conflitos vividos pelos alunos diante das demandas idealizadas presentes em escolas de alto rendimento. Com isso, questiona e desnaturaliza o ideal de excelência, que angustia muitos alunos-sujeito.

O tema da aquisição da escrita também é caro ao campo das articulações Psicanálise/Educação. Para a Psicanálise, é o sujeito quem comanda o letramento, o que obriga o professor a lhe dar voz. Assim, é bem-vindo o artigo de Cristóvão Giovanni Burgarelli, *Linguística, psicanálise, educação e os falantes de uma língua de sinais*. No texto, o autor afirma que se deve privilegiar a elaboração lacaniana

em torno de uma teoria da escrita, uma vez que a experiência educativa com os falantes de Libras não pode deixar de interrogar-se a respeito das condições de fala dos educandos nela envolvidos.

O dossiê fecha com o artigo de Robert Levy, *Três ocorrências de amor patológico dos pais?*, voz solitária neste dossiê, que discorre sobre a não menos importante educação parental, e sobre a qual um psicanalista pode falar com muita experiência. Mais do que isso: Levy põe em cena o lugar do amor na educação dos filhos e examina o impacto que o desejo pode ter na fantasia infantil, perguntando-se sobre seus efeitos na construção do sintoma. Fecha, assim, o dossiê com chave de ouro.

Esperamos que o leitor encontre no dossiê a oportunidade de ampliar seus horizontes ao refletir sobre essa pequena porém valiosa amostra do vasto campo das aproximações entre Psicanálise e Educação. São dois saberes distintos, no entanto, mesmo sabendo que os discursos marcam diferenças, podem se escutar e dialogar com as formações discursivas que enodam o processo de aprender e ensinar.

O leitor poderá desvelar as trilhas labirínticas do desejo presentificadas em cada letra, o que lhe permitirá articular várias rotas possíveis para pensar a formação docente, o processo de ensinar e aprender e a instituição escola; assim, poderá embriagar-se com essas letras escritas e inscritas nesse dossiê – epifania de um novo tempo.

A seção estudo organiza-se a partir de cinco textos que tematizam questões sobre interdisciplinaridade e educação mediadas por questões filosóficas, aspectos concernentes à frequência escolar na educação infantil, psicomotricidade e dimensões educativas, discussões histórias sobre formação docente e ser professor, finalizando com problematizações sobre formação docente, PNAIC e alfabetização.

O texto *Perspectivas interdisciplinares na educação a partir de Habermas, Freire e Santos*, de Lúcio Jorge Hammes, Jaime José Zitkoski e Itamar Luís Hammes, discute questões contem-

porâneas da educação, notadamente no que se refere aos processos formativos, com ênfase no perfil dos egressos dos cursos, necessidades e demandas da sociedade, destacando a urgência de um conhecimento interdisciplinar e a responsabilidade ética e cidadã. Tais discussões são ancoradas em princípios teóricos sistematizados por Habermas, Freire e Santos, possibilitando aos autores compreensões sobre interdisciplinaridade, crise de paradigmas e as alternativas para o futuro em sociedade e questões concernentes à formação cultural.

Maria Beatriz Vasconcelos Silva e Livia Fraga Vieira, no texto *Frequência escolar na educação infantil: percepções das famílias e dos profissionais da educação*, objetivam conhecer motivos, fatores influenciadores e justificativas da infrequência das crianças na educação infantil, ao analisarem diários de classes e respostas de questionários aplicados aos familiares e profissionais da educação de três Escolas Municipais de Educação Infantil da Secretaria de Educação de Belo Horizonte, MG, selecionadas a partir do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal do bairro.

No artigo *Psicomotricidade relacional sob a ótica de conceitos teóricos de Vygotsky e Bronfenbrenner*, Ângela Adriane Schmidt Bersch, Maria Angela Mattar Yunes e Susana Inês Molon apresentam questões relacionadas à Psicomotricidade Relacional (PR), ao tomarem como referência conceitos da teoria sócio-histórica de Lev Semionovitch Vygotsky e da teoria Bioecológica de Urie, ao enfatizarem disposições de aspectos lúdicos do brincar com movimento e expressões corporal/artística/musical/verbal na perspectiva da PR.

O artigo de Fábio Souza Lima, intitulado *Quando “ser professor” servia às elites: a Escola Normal Ignácio Azevedo do Amaral (1950-1970)*, objetiva problematizar questões sobre a formação de professores como interesse das elites cariocas, através da análise histórica da instalação da Escola Normal Ignácio Azevedo do Amaral no bairro da Lagoa, Zona Sul, entre os anos de 1950 e 1970, tomando como fonte

de análise os periódicos O Cruzeiro e Diário Carioca,

Encerra a seção estudos o texto *As relações entre a formação do PNAIC e as práticas de alfabetização*, de autoria de Andreia Martinazzo Braga e Nadiane Feldkercher, que discute aspectos voltados à formação de professores alfabetizações através da identificação e análise de quais disposições da formação do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) fazem parte das práticas alfabetizadoras das professoras após as etapas desta formação.

O número publicado, ao dedicar-se ao *Dossiê Psicanálise e Educação*, busca contribuir para o campo de pesquisa e alargar discussões sobre a temática, especialmente no momento em que

vivemos na sociedade brasileira o desmonte de políticas e a desconstrução de símbolos e valores sociais e educativos fecundos para a ressignificação da vida cotidiana e das implicações com os sujeitos e suas histórias.

São Paulo, Salvador;
20 de dezembro de 2020

Maria Cristina Kupfer
Universidade de São Paulo

Maria de Lourdes Soares Ornellas
Universidade do Estado da Bahia

Elizeu Clementino de Souza
Universidade do Estado da Bahia